

AS PERCEPÇÕES DE SPIX E MARTIUS SOBRE A PAISAGEM MARANHENSE¹

Raimundo Lima dos Santos²

Resumo: Este texto trata de algumas percepções dos viajantes estrangeiros Spix e Martius sobre a natureza maranhense. Eles estiveram no Maranhão no fim da segunda década do século XIX, no contexto de uma viagem mais ampla pelo Brasil. Parte-se da premissa de que o Romantismo serviu de parâmetro para a elaboração de suas percepções, ainda que de forma indireta, pois eram naturalistas, filiados também aos preceitos científicos da Ilustração. Como tarefa institucional, realizaram pesquisas sobre a flora, a fauna, a cultura, economia, dentre outros elementos sobre a região maranhense. Dentre os resultados indiretos, até inconscientes, contribuíram para a elaboração de uma imagem particular sobre o Brasil e, em especial sobre o Maranhão, com ênfase em uma paisagem bela e vigorosa, mesmo que diante de um povo “culturalmente débil”. As impressões de cunho românticas, elaboradas por esses viajantes sobreviveram no tempo e no espaço, de forma a ecoar ainda nos dias atuais.

Palavras-chave: Spix e Martius; Romantismo; Paisagem maranhense.

THE PERCEPTIONS OF SPIX AND MARTIUS ABOUT MARANHENSE LANDSCAPE

Abstract: This text deals with some perceptions of foreign travelers Spix and Martius about the nature of Maranhão. It starts with the premise that Romanticism served as the backdrop for the development of their perceptions, albeit indirectly, because they were naturalists, affiliated to the precepts of scientific illustration. As institutional task performed research on the flora, fauna, culture, and economics, among other elements of the region. Among the indirect results, perhaps unconscious, contributed to the development of a particular image of Brazil, and especially Maranhão, with emphasis on a strong and beautiful nature, even if weak and culturally hostage of support Europe. The impressions of romantic nature, produced by these travelers survive in time and space, echoing in some way, even today.

Keywords: Spix e Martius; Romanticism; Maranhão landscape.

As diversas imagens que o Brasil tem de si mesmo nos dias atuais, a saber, da cordialidade, da alegria, da beleza, dentre outras, deve-se, em dada medida, a um conjunto de percepções providas de viajantes estrangeiros, projetadas sobre diversos lugares pelo interior do país, em diferentes momentos históricos, especialmente nos séculos XVIII e XIX. Diferentes viajantes, com variadas formações e interesses, falavam sobre uma terra estranha

¹ Pesquisa de âmbito pessoal intitulada *Românticos e Viajantes*.

² Graduação em História pela UEMA/CESI, Mestre pela UFG e Doutor pela UFMG. Professor substituto na UEMA/CESI. Raimundosantos81@gmail.com. Rua São Domingos 26, centro, Imperatriz MA, CEP.: 65900-130. Fone: 99.99155.0310.

que se tornaria o que é hoje o Brasil. Para se chegar a essa leitura foi necessário recorrer a um esforço imaginativo e juntar o que seriam peças de um mosaico, uma vez que na época desses viajantes não se tinha uma intenção de construir uma imagem sobre esta terra. O que os viajantes tinham em mente, dentre outras, a realização de tarefas de cunho econômico, científico, artístico, com objetivos práticos em seu próprio tempo.

O território maranhense, ou parte dele, é uma amostra, um fragmento que ajuda a compreender como o Brasil foi criado e recriado a partir de conceitos, advindos de estrangeiros, portanto de universos culturais distintos. Cedo o Maranhão foi estudado e admirado por viajantes, como os bávaros Spix e Martius, nas primeiras décadas do século XIX, no percurso de uma viagem de alguns anos pelo interior do Brasil. Assim como o fizeram em outras regiões do país, eles descreveram aspectos da Paisagem maranhense que perduraram por muito tempo no imaginário das pessoas.

Robert Lenoble (2002, p. 17) afirma que não há natureza, em si mesma, e sim o resultado de um pensamento ou um conjunto de pensamentos sobre este ser: “‘A natureza em si’ não passa de uma abstração. Não encontramos senão uma ideia de natureza, que toma ‘sentidos radicalmente diferentes segundo as épocas e os homens’”. Se for verdade que cada época constrói seus conceitos sobre o mundo, também o é que alguns deles duram mais que outros. Neste caso, a ideia de uma natureza brasileira e maranhense “romântica” perdura, de certa forma, até os dias de hoje, como resultado de um processo denominado aqui por “percepções criadoras”, imagens duradouras sobre o mundo que ensinam gerações posteriores a verem de maneira semelhante, ainda que com as diferenças de cada contexto espacial, temporal e cultural.

As descrições de viajantes como Spix e Martius, tinham certamente um caráter objetivo, de busca por resultados concretos sobre a natureza que viram e descreveram. No entanto, em todo texto há um elemento autônomo, à revelia de quem escreve, elementos que permitem aos leitores irem além das próprias intenções do autor. Essa esfera literária, artística é capaz de despertar sentimentos, expectativas, raiva, admiração, bem como outras sensações. Trata-se, portanto, de uma via paralela, normalmente desconsiderada pela linguagem historiográfica, mas que é igualmente capaz de ajudar a explicar determinadas realidades.

Embora as ideias nasçam na cabeça e no coração dos indivíduos tendo, portanto, suas inevitáveis especificidades, elas têm normalmente sua gestação no seio de grupos, num contexto sociocultural e os agentes as reproduzem, de acordo com suas “tendências de espírito”. Não seria diferente com os viajantes em questão, inseridos numa particular

atmosfera econômica, cultural, política e científica. Anatol Rosenfeld (1976, p. 75) fala de um *Zeitgeist*, um espírito de época em cada momento histórico, que segundo ele “se comunica a todas as manifestações de culturas em contato”. Trata-se de uma observação interessante para se pensar num determinado padrão de sensibilidade e modo de agir em determinadas épocas, especialmente se estendida ao plural, para se falar em “espíritos”, que possam se completar e repelir ao mesmo tempo.

Seria o caso de se observar a “Ilustração” como um desses espíritos, que teve como contraponto, surgido em seu próprio ventre, o romantismo, arredo e ao mesmo tempo influenciado por ela. Pretende-se aqui posicionar as ideias e as ações dos viajantes “alemães” no contexto romântico, mas que também transpiram ares ilustrados. Para melhor entender o romantismo, faz-se necessário, pelo menos em linhas gerais, apreender alguns aspectos da “aura” que contribuiu para sua gestação.

Rubens Rodrigues Torres Filho (2004, p. 77) afirma que com a metáfora de luzes e claridade, a Europa do século XVIII construiu uma imagem de si mesma sobre os pilares da razão, capaz de livrar o homem “contra todas as formas de obscurantismo”. Uma nova maneira de enxergar o mundo se estabeleceu com força no velho continente, indo de encontro, em grande medida, ao pensamento religioso. De maneira geral pode-se afirmar que a razão iluminista foi uma reação à exclusiva forma religiosa de explicar a realidade. Tal reviravolta na consciência europeia começou, na sua forma mais robusta, a partir da revolução científica de Galileu e Newton, de modo a produzir uma nova visão de mundo e, segundo Baumer (1977, p. 39) ensinando “as pessoas a pensarem em termos de leis invariáveis e modelos mecânicos perfeitos”. A partir desse momento, todo o conjunto conceitual sobre o mundo foi alterado para atender as necessidades explicativas de um novo tempo. Essa mudança vetorial redefine o perfil europeu nos aspectos religioso, filosófico, social e cultural. Tanto os problemas quanto suas soluções, a partir de então, passaram a ter outra composição e o mundo, as pessoas, o próprio Deus nunca mais foram os mesmos.

Não poderia ser diferente no aspecto natureza, a visão do homem em relação a ela ganhou novo tom. A natureza aristotélica buscava o modelo da Cidade-Estado grega, bem compartimentada, cada parte realizando sua tarefa específica, em benefício de um todo harmônico (LENOBLE, 2002, p. 67). Para os mecanicistas ela é vista como uma máquina, dada ao homem para descobrir seu funcionamento (Idem, p. 270). A ideia de uma natureza máquina condicionou a visão e as ações dos homens. O cientista seria capaz, na perspectiva ilustrada, de desvendar os mistérios divinos da natureza e o faria pela linguagem racional matemática, da lógica concreta. O homem desvendaria os mistérios de Deus porque ele deu a

ciência para que o fizesse. Contudo, é importante ressaltar que mesmo no Renascimento, a natureza não poderia ser compreendida apenas pelo engenheiro e pelo filósofo, mas igualmente pelo poeta e pelo artista (Ibidem, p. 28-9). Novas maneiras de explicá-las competem com a cartesiana, e aos poucos ganhou força, até culminar no Movimento Romântico, caracterizado mais pela sua força sentimental que racional.

O Romantismo

A partir de Kant uma nova visão de natureza se consolida, ela deixa de ser apenas objeto a ser apreciado matematicamente, para ser também contemplada emocionalmente, pela estética. Longe de limitar o conhecimento, essa percepção contribuiu para ampliar as possibilidades de seu entendimento. Com a ilustração, a natureza passa a ser entendida como um ambiente da ação humana. Assim sendo, o foco de cognição se redireciona e deixa de ser algo revelado de uma maneira estática para algo dinâmico, fruto da própria relação do homem com a natureza. O dado em si dá lugar ao devir.

As poéticas do sublime e do pitoresco ganham espaço no universo artístico e científico, a exemplo de Humboldt, uma das maiores influências para viajantes por todo o mundo, no século XIX, inclusive Spix e Martius. “Humboldt quis apresentar a natureza através das emoções que ela causa às almas ternas de todos os países e de todos os tempos” (AUGUSTIN, 2003, p. 67). Aos poucos a concepção de uma natureza mecânica cedia espaço a uma mais complexa, subjetiva, composta por matéria e sentimento.

O Movimento Romântico se apresentou como uma revolução e uma contrarrevolução, ao mesmo tempo, pois à medida que negava determinados elementos do Iluminismo, retomava outros. Ao criticar a modernidade em suas linhas gerais, o Romantismo propôs outra, que considerasse novos elementos para o entendimento da realidade. A civilização científica moderna deveria, na visão deles, desprender-se do olhar mecânico e adentrar nas profundezas dos sentimentos que a natureza poderia proporcionar ao homem. O mundo iluminado pela razão deveria compartilhar espaço com a escuridão das incertezas.

Os românticos pretendiam ir além de um pensamento puramente racional, uma vez que poderiam chegar ao infinito da própria alma humana. O novo caminho, escuro e turbulento, seria capaz de levar o homem além da meta racional. O sentido do Romantismo consiste em juntar elementos que para o Iluminismo seria impossível, uma junção entre o real e o ideal, matéria e espírito (Idem, 1977, p. 29). No racionalismo essas categorias foram separadas com o intuito de se tentar entender melhor o mundo, para os românticos isso não seria possível.

Tal postura não implica dizer que os românticos regavam a ciência em todas as instâncias, salvo em casos isolados. O que o movimento negava era a via única, sem considerar critérios intrínsecos ao homem, como sua própria subjetividade. De certa maneira, o Romantismo até contribuiu para o desenvolvimento da ciência, em especial no âmbito das “ciências do espírito”, como a psicologia. Dessa forma, não é difícil entender a psicanálise como resultado de um processo histórico no percurso do desenvolvimento das ciências do pensamento, que bem antes já situavam o homem num conjunto de forças superlativas, tornando-o incapaz de controlar seu próprio destino.

Como resultado, uma visão completamente diferente da natureza se impõe e conduz o ser humano por caminhos diferentes, turbulentos e duvidosos. Mesmo assim “Os românticos estavam conscientes, muito mais que os *philosophes* de viverem num mundo de permanente mudança” (Ibidem, p. 57). É nesse mundo volúvel que eles queriam viver, pois, apesar disso, era supostamente mais verdadeiro. A perspectiva de uma realidade quase predestinada à felicidade foi abandonada por outra em construção, ainda que mais infeliz. Esse novo protagonista tem consciência de que a razão só é capaz de compreender uma parte da realidade, um fragmento do infinito. Para eles, o *cosmos* interminável só pode ser apreendido por outras ferramentas, que vão além da percepção pelos sentidos, pois elas são compostas pela imaginação, sentimentos e intuições.

De acordo com Jaco Guinsburg (1993, p. 24), o Movimento Romântico é fruto de um processo histórico culminado por dois significativos acontecimentos, a saber, a Revolução Industrial e a conseqüente Revolução Francesa, bem como as derivações sociais decorrentes de ambas. Se a sociedade moderna iluminista é, de alguma maneira, fruto desses acontecimentos, também o é o movimento intelectual romântico, ainda que em contraposição à modernidade.

É importante lembrar que apesar dessas influências, há outros elementos sem os quais não se entenderia o surgimento do Romantismo. Trata-se de uma pré-disposição ao sentimentalismo da cultura alemã. Assim sendo, trata-se de um processo cultural de longa duração, que excede as relações diretas com os referidos acontecimentos. Nesse sentido, o Romantismo é um movimento que abarca, numa nova maneira de pensar, diferentes ramos do conhecimento: literatura, filosofia, religião, ciência, arte, moral, como alternativa à cultura iluminista. É nesse sentido que uma natureza “organismo” substitui uma mecânica e, com isso, o centro de gravidade explicativa do mundo se desloca, com uma instrumentalização poética diante de uma linguagem matemática.

Os ventos do romantismo alemão começaram a soprar de forma institucionalizada a partir de 1776, com a apresentação de uma peça teatral, escrita por Friedrich Maximilian Klingler, intitulada *Sturm und Drang* ou “Tempestade e Ímpeto”. Esse período é considerado o pré-romantismo e, segundo Erwin Theodor Rosenthal (1968, p. 64) foi responsável por um reavivamento das ideias de Rousseau na Alemanha. Dentre as atribuições pré-românticas se inclui a reivindicação da liberdade, tanto no sentido político, quanto nos aspectos social, ético e estético. Um dos elementos de maior distinção desse movimento, em relação às correntes de seu tempo, é um impulso irracionalista, bem como a luta contra o pensamento ilustrado e os cânones classicistas, especialmente da literatura francesa (ROSENFELD, 1976, p. 147-8).

Em termos temporais essa evasão significou um retorno ao período medieval e seus valores; em termos espaciais, ao exotismo, a admiração pelos costumes em países distantes, como os do novo mundo. Chega-se aos costumes primitivos, como forma de contraposição à civilização moderna. Os românticos atribuíram valor aos instintos, por isso o homem primitivo passou a ser objeto de observação e conhecimento, na estima do típico e do grotesco. Apesar disso, contudo, não havia pretensão de uma volta à natureza, a relação entre ambos pode ser descrita da seguinte maneira:

O sentimento da natureza e da paisagem constitui outro traço relevante da literatura pré-romântica. Não se trata apenas de uma maior capacidade descritiva do mundo exterior, trata-se acima de tudo de uma nova visão da paisagem: entre a natureza e o eu estabelece-se relações efetivas, os lagos, as árvores, as montanhas [...] (Idem, p. 468).

Nessa mesma direção pode-se apresentar uma visão do poeta alemão Tiech, ao criar um neologismo *Waldeinsamkeit*, traduzido por “solidão de floresta”, que se torna uma das maiores inspirações para os românticos, ao atribuir sentimentos humanos à floresta. Essa atribuição de vida a natureza pode ser entendida como resultado de uma frustração com a civilização urbana. Por decepção ou procura de uma nova estética e a busca do relativo e da vida ganham fôlego, especialmente entre os viajantes.

Viajantes pelo Brasil

É em um ambiente como esse, de mudanças no pensamento em relação ao mundo, que surgem diferentes viajantes no Brasil. Uns mais carregados pela ilustração, outros pelo romantismo e todos, de certa forma, pelos dois em graus diferentes, descobriram, criaram e recriaram imagens sobre o país “descoberto” por eles. Do ponto de vista prático, muitas dessas viagens tiveram papel destacado no conhecimento de áreas longínquas, bem como no

aproveitamento de matérias-primas para a dinamização da economia brasileira, que emergia aos poucos como um território independente no seio de uma colônia.

Com a vinda da Família Real e a consequente abertura dos portos às demais nações do mundo, uma série de mudanças, em diferentes setores, ganhou força e, dentre elas, o território brasileiro passou a receber pessoas e produtos de diferentes lugares do mundo. Nesse contexto, muito viajantes estrangeiros vieram conhecer e levar conhecimento da estranha terra aos seus países de origem. Em consequência disso, várias expedições, com diferentes finalidades realizaram, ao longo do século XIX, trabalhos importantes nos campos da ciência e da economia. Os relatos de viagem têm uma *persona* peculiar, não são meras ficções de seus autores, nem relatos fielmente objetivos, pois ao fazer a junção dos dois elementos tornam-se um pouco de cada um, logo:

O relato de viagem, ou literatura de viagem é um gênero híbrido, entre relato factual e narrativa ficcional. O relator viajado é, ao mesmo tempo, narrador viajante e autor. Ele descreve o que viu, vivenciou e experimentou. Seu relato é visto como realista, e ao leitor, normalmente não é dado saber até que ponto a fantasia se infiltrou no texto [...] (AUGUSTIN, 2003, p. 174).

Nessa perspectiva, o narrador viajante produz o relato numa dinâmica em que ele mesmo é produto. Ele é, além de produtor da narrativa, ator, experimentador e, ao mesmo tempo, objeto de sua própria experiência (MACHADO; PAGEAUX, 2001, p. 34), demonstrando a complexidade desse gênero e o cuidado que um estudioso do tema deve ter. A fronteira entre uma viagem real de uma imaginária pode ser tênue e para se fazer uma análise lúcida, é necessário considerar os dois elementos. Isso de forma alguma enfraquece seu caráter histórico, ao contrário, o fortalece. É importante considerar que os viajantes, exploradores nos confins das terras brasileiras eram, em sua maioria, estrangeiros, advindos de culturas completamente diferentes. Seus imaginários, constituídos por outras matérias-primas culturais não permitiam outras imagens senão a partir de referenciais específicos e, muitas vezes, distorcidos. Nessa relação de construção imagética entre um “Eu” e um “Outro”, forjava-se percepções de um Brasil único, belo, grotesco, bárbaro, dentre outros conceitos.

Alguns viajantes enxergavam no novo, em especial no Brasil, formas de sociedade ainda não corrompidas pela civilização (ABREU, 2006, p. 228). Percebe-se claramente a influência do romantismo nesse julgamento, que buscava no mundo primitivo inspiração para a vida. Por outro lado, outros enxergavam nesse “naturalismo” a impossibilidade de construção de uma sociedade civilizada, o que evidencia formas completamente divergentes sobre uma mesma paisagem e cultura. Tais variações são reféns da experiência cultural dos

grupos ou pessoas que aqui chegavam. A experiência de cada um deles no território tropical também contava e era decisiva para a elaboração de imagens do lugar. Enquanto uns foram acometidos por pestes, doenças, fome e uma estrutura de trabalho precária, outros encontraram melhores condições para uma experiência pessoal e profissional mais positiva.

As terras eram quase sempre vistas como férteis e vigorosas, em seu aspecto natural, mas não havia o mesmo otimismo em termos culturais, como se a geografia compensasse uma suposta debilidade civilizacional. Esse foi um elemento acentuado no eurocentrismo e marcou a emergente nação brasileira. “A deficiência parece estrutural, pois o ‘povo’ assim como as ‘camadas mais elevadas’ é indolente, enquanto seus governantes não parecem interessados em promover a cultura” (Idem, p. 228). Nesse relato, fica evidente que o problema cultural brasileiro tem solução, mas pela aculturação europeia.

Visões pejorativas como esta não eram apenas fruto de má fé, mas também do reflexo da maneira de pensar do grupo social naquela época. A cultura europeia era o referencial de civilização para o mundo, além disso, os viajantes escreviam, de maneira geral, para seus pares, leitores europeus intelectualizados. A superioridade racial era vista de forma natural, não apenas por europeus, como também por brasileiros. Assim, na maioria das vezes o nativo era apresentado de forma negativa, contudo ganharam relevo outras percepções, em que se evidenciavam qualidades. Essa exposição findou por contribuir, ao longo do tempo, para a formação da identidade nacional, elaborada a partir das três raças. Pelo tema da natureza, através do índio, no século XIX, encontraram elementos para criar uma imagem do Brasil.

Os viajantes Spix e Martius

Pelo menos em termos de planejamento, pode-se afirmar que a viagem dos bávaros começou em 1815. O rei Maximilian Joseph I da Baviera encomendou à Real Academia de Ciências de Munique uma expedição científica para a América do Sul (LISBOA, 1995, p. 74). Naquela época, viagens ao novo mundo se multiplicaram com o intuito de descobrir a natureza dos países distantes e apresentar resultados à ciência. Chegando ao Brasil, a comitiva austríaca tinha um propósito diferente dos de Spix e Martius, que logo queriam partir, enquanto a delegação pretendia passar mais tempo da cidade do Rio de Janeiro, o que os levou a realizarem sua viagem de forma independente da Academia.

A perspectiva ilustrada serviu, em parte, como premissa para se entender o conjunto das ações de academias e grupos de pesquisadores sobre as terras coloniais e seu possível aproveitamento. É nessa perspectiva que se leva em consideração o olhar dos viajantes sobre o Brasil, como permeado pelos valores científicos do século XVII. Somado a isso, a

experiência da própria viagem contribuía para o resultado desse processo, com as influências românticas. Por conta disso, os pesquisadores estrangeiros iam além do mero anseio de classificar as plantas e animais. Eles buscavam uma compreensão de natureza como um todo, que envolvia a matéria orgânica, mas também uma concepção metafísica do mundo natural. Isso, de certa maneira, implicava numa compreensão quase subversiva da ciência, ainda que não fosse propriamente nova, nem original. Com isso, pretendiam ampliar o entendimento científico do mundo então vigente, uma vez que estudavam minuciosamente a natureza nos moldes classificatórios e depois exploravam outros ramos, ainda desconsiderados pela ciência:

[...] Spix e Martius filiaram-se ao pensamento naturalista de Goethe e Humboldt e à *natuphilosophie* (filosofia da natureza) de Schelling [...]. Com Buffon, Raynal e Depauw, fundou-se uma tradição que primava pelas visões deformadoras da natureza e do habitante original americano. Essa concepção detratora foi amplamente discutida e questionada, abrindo a polêmica sobre o novo mundo. Ao passo que Herder, Rousseau e, especialmente Humboldt contribuíram para a ruptura dessa visão, Hegel levou-a até as últimas consequências. É no interior desse debate que a viagem pelo Brasil deve ser compreendida (LISBOA, 1997, p. 25).

Pelo olhar romântico dos viajantes se valorizava o natural, o exótico. Além disso, com base nos ensinamentos de Humboldt, provavelmente suas maiores influências diretas, acreditavam que “a natureza deveria ser sentida”, mas que apenas observada e dissecada. Logo, não caberia a Spix e Martius o mesmo olhar pejorativo vigente entre seus pares. Por outro lado, ressalta-se que as concepções positivadas da natureza e da cultura no novo mundo têm seus limites históricos. Para eles, a saída cultural para a América do Sul só poderia ser encontrada na junção com a cultura europeia, colocada ao centro em relação às outras, especialmente às coloniais, marcadas pela influência do negro e do índio. Sendo culturas supostamente degeneradas, sozinhas não conseguiriam sobreviver por muito tempo, pois os inevitáveis ventos da civilização as varreriam. A identidade brasileira, desde cedo, foi pensada por estrangeiros e nativos, nessa premissa de mistura racial. Na esteira de uma concepção iluminista e romântica, os viajantes enxergavam as culturas nativas inevitavelmente suprimidas pelo progresso. A natureza e a cultura brasileiras seguiriam a indelével marcha da história.

Spix e Martius, numa viagem de cerca de três anos pelo Brasil, conheceram quase todo o território e em um desses lugares longínquos do interior, inclui-se a província do Maranhão. Eles projetaram um olhar quase homogêneo sobre o país, e nas terras maranhenses não foi muito diferente. Estudaram plantas, animais, cidades e vilas, pessoas, tribos indígenas. Apesar dos poucos meses de permanência no lugar, é possível perceber alguns aspectos de suas

descrições e situá-las na perspectiva predominantemente romântica. Algumas das imagens ou percepções ainda permanecem no imaginário local.

Antes de chegar às terras do Maranhão, os estrangeiros aportaram no Rio de Janeiro, ponto de partida da aventura. De acordo com suas próprias palavras se mostraram surpresos, ao encontrar na cidade tropical, no que diz respeito à infraestrutura, um ambiente inicialmente parecido com o europeu. Por outro lado, se surpreenderam ao encontrar passeando pelas ruas negros e índios. Ao se depararem com um mundo mestiço não puderam esconder o espanto, nem a frustração. “A natureza inferior, bruta, desses homens inoportunos, seminus, fere a sensibilidade do europeu que acaba de deixar os costumes delicados e as fórmulas obsequiosas da sua pátria.” (SPIX & MARTIUS, 1976, p. 41-2). Esse mundo estranho, distorcido, inferior, é o mesmo que os viajantes encontraram no Maranhão, mesmo assim não se trata de uma visão cristalizada e unilateral. Em meio a esse conjunto de imagens também houve lugar para outras positivas. Mesmo que pareça contraditório esse movimento entre “bom” e “ruim”, há certa coerência, ao se considerar tais práticas em seu momento histórico específico.

O enfoque positivo que os estrangeiros atribuem a paisagem, algumas vezes recaem sobre o homem e à sociedade. No caso maranhense percebe-se isso na observação da economia local que, segundo eles: “Tomou incrível incremento o comércio do Maranhão, desde o surto da cultura do algodoeiro; e os três principais artigos, que são aqui exportados, algodão, arroz e couros, dão à exportação grande preponderância sobre a importação” (Idem, p. 247). De acordo com a influência romântica, a paisagem abordada por eles não poderia ser composta apenas por elementos naturais, como também culturais, como parte do mesmo processo de entendimento.

De um modo geral, o Maranhão é apresentado pelos viajantes, em termos econômicos, como um lugar promissor, capaz de evoluir com o aproveitamento de suas matérias-primas naturais, provindas especialmente da agricultura e da criação de gado. Com isso, seria possível potencializar o comércio regional e, mesmo, nacional. Dessa maneira, seria presumível contribuir para o Brasil alcançar estágios mais avançados na esfera comercial.

Do ponto de vista cultural, especificamente em relação ao índio, a visão de Spix e Martius é de interesse, pois eram influenciados da poética pitoresca, ainda que o bom selvagem de Rousseau passasse um pouco fora da visão deles. A maioria dos poetas e outros intelectuais românticos não tiveram contato direto com o novo mundo, foram “alimentados” por relatos de viajantes que descreveram o que viram e o que imaginaram. Diferentemente

deles, os viajantes tiveram uma experiência real e certamente esse fator contribuiu para uma visão diferente, “menos romântica”, mesmo que, em geral, positiva.

Um dos elementos que contribuíram para julgamentos distorcidos foi o cristianismo ocidental, que partia de um modelo de cultura específico, sem aceitar outros, senão na medida em que se aproximavam do europeu. Nesse contexto, os viajantes se referem a um grupo de índios no Maranhão, andando pelas ruas de uma cidade do interior, como tendo um “aspecto infeliz” (Ibidem, p. 226). Portanto, em termos culturais, o elemento religioso foi importante na maneira como os estrangeiros percebiam os habitantes do Brasil e do Maranhão.

Partindo da premissa de que as tribos deveriam ser colonizadas, eles reclamam das dificuldades de fazê-lo, em especial por vias pacíficas, conforme indicam no trecho: “Quando se resolve estabelecer numa colônia uma tribo de índios, quer para torna-los inofensivos, quer para torna-los úteis ao Estado, isso quase nunca acontece sem prévia guerra, cuja consequência é a submissão da tribo” (Ibidem, p. 226). Num certo sentido, para os viajantes, esse processo seria necessário para salvar os próprios índios e a civilização. Para eles, os selvagens eram hostis aos “civilizados” e a colonização poderia ser uma forma de reduzir os conflitos. Além disso, seria uma oportunidade para melhor conhecer sua cultura, já que espontaneamente quase nunca saíam de suas florestas. Então a guerra poderia ser um meio para dominá-los e conhece-los.

Spix e Martius tiveram pouco tempo nas terras maranhenses, não passando de alguns meses, e como resultado, também escreveram pouco sobre o lugar, tanto no que se refere à natureza quanto à cultura. Para eles as tribos indígenas “eram todas iguais nos costumes”. O olhar genérico sobre a cultura era também fruto do etnocentrismo. Ao acompanharem um ritual de uma das tribos locais, os viajantes descreveram o que viram da seguinte maneira: “Os pulos e giros sem regra e o brandir guerreiro das armas, as horrendas contorções do rosto desse bando desenfreado, e a celeuma de terrível desarmonia, acompanhada do estilo de seus maracás, tudo isso poderia figurar como uma cena do inferno” (Ibidem, p. 234-5). Encontram-se descrições parecidas em outras ocasiões referentes à pintura do rosto e do corpo, dança, bem como outros elementos.

Não é de surpreender que intelectuais europeus daquela época vissem uma cultura tão diferente, com tantas exclamações. Talvez o que mais possa surpreender seja a sincera tentativa de compreensão e, por conta disso, há tantas descrições distintas, umas no viés grotesco, outras com admiração positiva. Apesar de um lugar culturalmente débil, de maneira geral, na percepção dos estrangeiros, a natureza maranhense era vista de forma saudável, pura,

bela, o que em alguns momentos essas qualidades poéticas eram estendidas aos próprios nativos.

É mais comum do que possa parecer em um primeiro momento, visões paradoxais sobre a natureza e a cultura no Brasil. O viajante, na mesma expedição, poderia descrever o lugar como infernal ou paradisíaco, a depender do momento. Tais visões negativas, típicas de uma poética do sublime, não negam por completo uma impressão positiva da natureza, o que há é apenas um ponto de tensão entre os dois olhares (LISBOA, 1997, p. 125). Com algum esforço, pode-se observar a mesma característica no tocante a cultura nativa, ora vista como depreciada, ora saudável e bela. Nesse sentido, mesmo na compreensão das tribos indígenas maranhenses, numa inexorável dinâmica civilizacional na qual só restaria ao índio o seu desaparecimento, os viajantes ainda fizeram ponderações no que se refere ao relacionamento dos nativos com a “civilização”, em que muitas vezes saíam prejudicados. E foi dessa maneira que Spix e Martius descreveram o processo de civilização do índio na província do Maranhão:

[...] Se a expedição é bem sucedida, obrigam-se os vencedores a recorrer a soberania de Portugal [...] devem trabalhar numa lavoura e, por ser instruído na fé cristã por um eclesiástico. Que frutos produzirá tão violenta operação, não é difícil prever. Exige-se do índio imediata renúncia a todos os seus hábitos, tendências e costumes nativos, e ainda mais respeito às leis e a uma religião que ele desconhece [...] (SPIX & MARTIUS, 1976, p. 226).

Os viajantes ainda acrescentam que os índios conquistados ficavam abandonados à própria sorte. Nesse caso, sua perda se dava em múltiplas vertentes, pois além do processo de genocídio e etnocídio que se fazia no ato do conflito direto, havia a perda pela falta de assistência do próprio governo que os tirava de seu habitat natural “sem receber o ensino ou força para a vida melhor” (Idem, p. 226). Primeiro o Estado os corrompia, em termos culturais, depois os deixava aos piores hábitos herdados da civilização, como o vício em cachaça. Para os estrangeiros esse processo deveria acontecer com melhores subsídios econômicos, sociais e culturais do Estado.

Nesse contexto, de acordo com Spix e Martius, os índios eram carrascos e vítimas de um mesmo processo. Algumas tribos eram temidas por colonos, por entrarem em fazendas sem permissão e, muitas vezes, conflitarem com os donos; por sua vez era comum a infecção de tribos inteiras por doenças propositalmente transmitidas por brancos. Segundo os viajantes era uma guerra perdida para os nativos, pelo simples fato de o processo histórico jamais parar, o que resultaria no predomínio da civilização sobre a natureza. Ainda que não fosse justo, não haveria alternativa, restaria apenas a lembrança de um tempo em que a natureza pura existiu, servindo de inspiração poética às sociedades futuras.

Tratando-se do outro aspecto natural das terras maranhenses, sua fauna, flora, dentre outros recursos naturais, suas descrições são mais generosas. Os estrangeiros, ao se referirem a São Luís, capital do Maranhão, apresentaram uma visão quase paradisíaca, com diferentes qualidades positivas:

[...] embora tão vizinha do equador, e quase situada no meio de matos virgens, cuja vegetação se conserva viçosa pela umidade do terreno baixo que em parte alguma se eleva mais de 250 pés acima do oceano, é muito saudável a cidade; mesmo toda a ilha [...] Não reina aqui uma só doença endêmica; e, excetuando as bexigas, não se conhecem epidemias. Doenças inflamatórias são muito raras [...] (Ibidem, p. 247).

Essa imagem sobre a cidade é bastante expressiva, uma descrição semelhante às do “Jovem Werther”, na obra do escritor Goethe, no que se refere a uma natureza poética. Talvez esse seja um dos momentos mais românticos do olhar dos viajantes estrangeiros. Ainda que o fator humano deixasse a desejar, na concepção deles, a natureza compensaria essa suposta fraqueza. Mesmo que eles, num enfoque negativo, enxergassem as margens lamacentas do rio Itapecuru, com seus “enxames formidáveis de mosquitos”, o ponto de maior ênfase de suas descrições sobre a natureza maranhense recai sobre aspectos que expressavam beleza, nas abundantes nascentes de rios, no brilho do sol, no verde da vegetação. A pujança dessa natureza é tão extraordinária que mesmo “o sol abrasador dos meses da seca conseguem empalidecer o verde viçoso da vegetação [...] flores e frutos sucedem-se em ciclo quase regular, durante a maior parte do ano” (Ibidem, p. 250). Os viajantes apresentaram a natureza do Maranhão como sendo vigorosa, renovadora, incessante e, talvez, infinita, além de bela.

Só se pode aproximar a visão dos viajantes à sensibilidade poética romântica, com esforço imaginativo e cuidado, pois eles eram, antes de tudo, naturalistas, filiados aos preceitos de uma ciência do século anterior, fortemente abalizada pela ilustração. Quando surgiu o movimento romântico, em oposição aos valores iluministas, não significou dizer que essas duas visões de mundo se contrapunham como pedras, facilmente separáveis. Com isso, quer-se afirmar que essas percepções se excluíam em alguns momentos e convergiam em outros, a depender do momento. Dizer que seu olhar era romântico é apenas considerar que alguns elementos são diretamente encontrados, outros apenas de maneira indireta. De qualquer modo, é possível identificar uma natureza romantizada no Maranhão, e essa visão perdurou por gerações de estudiosos sobre esse lugar. Ainda nos dias de hoje é possível encontrar ecos daquela natureza romântica, vista pelos viajantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. “Escrever e pensar sobre o Novo Mundo: escrever e pensar no Novo Mundo”. In: DUTRA, Eliana de Freitas. MOLLIER, Jean-Yves. (orgs.) *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII - XIX*. São Paulo: Annablume, 2006.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
AUGUSTIN, Günther Herwig. *Viagens pelo novo mundo: olhar europeu e interculturalidade na literatura de viagem de Eschwege, Spix e Martius*. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFGM, 2003.

AUTORES PRÉ-ROMÂNTICOS ALEMÃES, tradução de João Marshner. São Paulo: Editora Herder 1965.

BAUMER, Franklin Le Van. *O pensamento europeu moderno*, 2 vol. Séculos XVII e XVIII. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BONATO, Tiago. *O olhar, a descrição: a construção do sertão do nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783 - 1822)*. Dissertação de mestrado, Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses – CEDOPE. Universidade Federal do Paraná, 2010.

CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. Posfácio de Willi Bolle. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

GUINSBURG, Jaco. (Org.). *O Romantismo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*, 2 vol. Portugal/Brasil: Ed. Presença/Ed. Martins Fontes, 1974.

LENOBLE, R. *História da ideia de natureza*. Lisboa, Éditions Albin Michel, 2002.

LISBOA, Karen Macknow. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização. *Revista Brasileira de História*. n° 29, vol. 15, 1995.

_____. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 1997.

MACHADO, Alvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2ed. rev. aum. Lisboa: Presença, 2001.

RAMINELLI, R. *Viagens Ultramarinas*. São Paulo: Alameda, 2008.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. *História da Literatura e do Teatro Alemães*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. *Introdução à literatura alemã*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968.

SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. 3 ed., 3 v. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. *Ensaio de filosofia ilustrada*. [Nova ed] – São Paulo: Iluminuras, 2004.

Data de recebimento: 04/12/2015.

Data de aceite: 26/06/2015.